



SUPLEMENTO VIDA JUDICIÁRIA

Autoridade Europeia do Trabalho divide parceiros sociais

Págs. II e III



SUPLEMENTO METAL

Motofil lidera no mercado da automação e robótica

Pág. 2

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

DE00602017CE



TAXA PAGA PORTUGAL
CONTRATO Nº 594655

Nº 1705 / 29 de setembro 2017 / Semanal / Portugal Continental 2,40 €

DIRETOR
João Peixoto de Sousa

VidaEconómica

EMPRESAS, NEGÓCIOS, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

www.vidaeconomica.pt

João Peres Guimarães, representante da ATP na Direção da Euratex, afirma

Falta de mão de obra aflige setor têxtil



Indústria pode ter de deslocalizar parte da produção para o exterior

Pág. 5

Candidaturas ao IFRRU a partir de outubro

Banco Santander Totta e BPI têm 920 milhões de euros disponíveis para a reabilitação

Pág. 4 e 5, supl. Imobiliário

Miguel Matos, presidente da APAMM, considera

“Vale a pena ser empreendedor”

Portugal é um país em que vale cada vez mais a pena ser-se um empreendedor. No entanto, cabe ao Estado a responsabilidade de dar continuidade ao processo de desburocratização da criação e implementação de empresas, defende Miguel Matos, autor da obra “Seja livre, sendo dono de um negó-

cio”, publicada pelo grupo editorial Vida Económica.

“A estratégia mais segura para o sucesso de um negócio é ter estratégia. Primeiro, o empreendedor, o empresário, o gestor ou a equipa de negócio têm de possuir visão”, afirma Miguel Matos.

Pág. 28



Sonae Sierra investe 300 milhões

Pág. 8, supl. Imobiliário

Renda do comércio sobe 70% em Lisboa

Pág. 9

Formação **VidaEconómica**

19 outubro Lisboa

27 outubro Porto

O novo regime de cessação do Contrato de Trabalho

Informações: patriciaflores@vidaeconomica.pt | Telefone: 223 399 437/00



9 720972 000037

01705

PUB

JOÃO PERES GUIMARÃES, REPRESENTANTE DA ATP NO BOARD DA EURATEX, AFIRMA

Falta de mão de obra aflige indústria têxtil

A indústria nacional está perante dois grandes desafios: a necessidade de maior investimento em processos industriais inovadores e a falta de mão de obra que aflige sobretudo o setor de vestuário, afirma João Peres Guimarães, representante da ATP no Board da Euratex. “A falta de mão de obra pode obrigar a deslocalizar parte da produção para o exterior”, adianta o mesmo responsável.

Vida Económica - Apesar da liberalização das trocas comerciais que ocorreu há cerca de 20 anos no âmbito da OMC, a ITV não desapareceu em Portugal e continua a ter vocação exportadora. Hoje podemos considerar que o acordo alcançado não foi tão negativo como se pensava?

João Peres Guimarães - A liberalização do comércio de têxteis e vestuário, que no âmbito da OMC correspondeu ao desmantelamento do Acordo MultiFibras, ocorreu num período que, do ponto de vista industrial foi muito curto: apenas 10 anos para a generalidade dos têxteis mas muito menos para alguns produtos essenciais como os fios e os tecidos. Redimensionar empresas com as condicionalismos laborais que existem aqui, desinvestir em alguns sectores que se tornaram não concorrenciais com a consequente diminuição de produção e facturação num sector já descapitalizado, tornou-se uma tarefa impossível para muitas empresas. O acordo foi de facto muito mau para a têxtil portuguesa e quase a liquidou. Penso que foi sobretudo a tradição empresarial alicerçada numa indústria de gestão tipicamente familiar que criou as condições mínimas para que algumas empresas sobrevivessem. Felizmente as empresas que ultrapassaram esta crise continuaram a pertencer a diversos subsectores e o “cluster”, embora de menor dimensão, manteve-se. Isto foi muito importante para a reviravolta que atualmente está em curso.

VE - Que fatores explicam que Portugal continue a ter uma indústria têxtil competitiva quando ela praticamente desapareceu nos outros países?

JPG - Após uns anos difíceis, de 2005 a 2008, em que a China ultrapassou todas as metas de exportação, o paradigma têxtil modificou-se. Entramos num período de inovação constante em termos de moda, necessitando de mais rapidez na execução dos produtos; os consumidores, por outro lado, passaram a ser mais exigentes em termos de qualidade e sustentabilidade ambiental.

A indústria têxtil que restou era perfeita para esse mercado: rapidez e qualidade. A continuidade da existência do tal “cluster” industrial foi essencial: todos os parceiros da cadeia têxtil têm que estar perto e motivados pelo mesmo ideal para poder fazer depressa e bem (e assim contrariar o ditado).

VE - A União Europeia tem conseguido acordos comerciais equilibrados com os países terceiros ou acha que devia haver uma maior reciprocidade face às normas e práticas que condicionam a exportações de produtos europeus?

JPG - A Euratex é uma espécie de confederação das indústrias têxteis europeias. O seu papel visa acompanhar e aconselhar a Comissão Europeia em todas as decisões que con-



“Infelizmente, e ao contrário do que muita gente julga, são os fatores políticos e não os económicos que condicionam grande parte dos acordos comerciais”, adverte João Peres Guimarães.

cernem a nossa indústria. Ambiente, energia, regulamentação laboral, segurança e todos os aspectos ligados à sustentabilidade são alguns dos aspectos tratados. Mas, como em todos os negócios, a regulação do comércio é essencial e por isso os acordos comerciais que vão sendo estabelecidos entre a UE e outros estados são uma preocupação fundamental da Euratex. Infelizmente, e ao contrário do que muita gente julga, são os fatores políticos e não os económicos que condicionam grande parte dos acordos comerciais.

Os ministérios dos negócios estrangeiros têm mais peso que os da economia. Isso em si é muito prejudicial para a indústria. Muitos países que não cumprem as regras estabelecidas pela OMC no que diz respeito às mais elementares normas de protecção ambiental, de direitos de trabalho, de liberdade concorrencial, acabam beneficiados com acordos preferenciais (GSP Plus) impensáveis em situações normais.

VE - A ação desenvolvida pela Euratex, que também representa a ATP, tem contribuído para defender a indústria têxtil nos acordos internacionais?

JPG - A Euratex tem feito ouvir a sua voz na denúncia destas situações. Nalguns casos foi possível obter resultados muito visíveis como, por exemplo, quando após um aumento anual de cerca de 100% nas exportações da China para a UE em 2005, foi possível estabelecer um período extra de três anos para limitar esse crescimento. Noutros casos tem sido possível melhorar as condições dos acordos. É uma actuação mais discreta mas importante. Neste acordos uma questão importante está ligada às regras de origem. A Euratex tem uma posição bem definida a este propósito e o essencial das suas pretensões foi expresso, graças a um trabalho esforçado, nos recentes acordos com o Canadá (CETA) e Japão.

VE - É legítima a crítica segundo a qual as políticas da União Europeia favorecem os interesses dos importadores e dos grandes distribuidores em detrimento da indústria e das PME?

JPG - Os interesses das grandes cadeias de distribuição não coincidem com os da indústria europeia. Os primeiros querem produtos baratos sem se preocupar como os obter; os segundos têm que competir num mercado

sobre regulamentado e praticar uma justiça laboral cara.

No início deste século foi política da UE favorecer a importação de produtos baratos para que os consumidores (os votantes) pudessem ter acesso a mais bens a menor preço (mais votos). A médio prazo os resultados ficaram à vista: desindustrialização, desemprego, perda de “know how”, dependência externa.

Neste momento esta realidade está a fazer infletir a política da UE. Para já, mais no discurso que na obra. Mas estamos otimistas.

Inovação, rapidez e boa relação preço/qualidade

VE - O que pensa sobre o papel do Grupo Inditex enquanto maior cliente da indústria nacional?

JPG - O grupo Inditex é considerado o exemplo perfeito do novo paradigma têxtil que referi acima: inovação constante, rapidez e boa relação preço/qualidade. Neste momento a parceria entre muita da nossa indústria e o grupo Inditex é muitíssimo importante. As exportações têxteis para Espanha são enormes graças a eles. Há quem afirme que renascer da ITV portuguesa deve muito à Inditex mas penso que o êxito da Inditex também deve muito à nossa indústria. É uma simbiose muito interessante.

VE - Os fabricantes nacionais devem encarar a subcontratação nos países do Norte de África para aumentar a capacidade produtiva e ultrapassar a falta de

mão de obra disponível?

JPG - A nossa indústria está perante dois desafios: a necessidade de maior investimento em processos industriais inovadores e a falta de mão de obra que aflige sobretudo o sector de vestuário.

A ATP tem perfeita consciência da necessidade de promover e facilitar o investimento na indústria. Nós esperamos que o próximo quadro de apoio comunitário venha a apoiar estas necessidades. E esperamos que internamente os chavões como “Indústria 4.0” passem a dispor de mecanismos de financiamento adequados. Há uma revolução em termos de processo industriais e a indústria tem que acompanhar esse progresso.

A falta de mão de obra pode obrigar a deslocalizar parte da produção para o exterior. A rapidez na execução das encomendas privilegia a proximidade e por isso os países da África mediterrânica são atrativos. Mas neste momento existem grandes diferendos nas negociações sobre um novo acordo comercial entre a UE e esses países o chamado PanEuroMed. Como industriais, num sector onde a rapidez é essencial, custa-nos ver negociações que se arrastam há cerca de seis anos sem resultados. Sabemos que concertar interesses de cerca de 40 países é difícil. Mas a nossa indústria de vestuário pode estar muito dependente deste acordo. A única coisa que posso referir é que tem havido o máximo empenho da ATP a nível nacional e da Euratex a nível internacional para “empurrar” estas negociações. Mais uma vez é mais política que economia e temos que esperar para ver o resultado.

Euratex privilegia o crescimento sustentável e a inovação das PME

A Euratex - Confederação Europeia dos Confecções e Têxteis representa os interesses da indústria europeia do têxtil e do vestuário a nível das instituições da UE. Como a voz da indústria europeia, a Euratex pretende criar um ambiente favorável na União Europeia para a fabricação de produtos têxteis e de vestuário.

A fabricação de têxteis e vestuário é um pilar essencial da economia local nas regiões da UE. As federações membros da EURATEX representam na UE cerca de 177 700 empresas com um volume de negócios de € 171 bilhões, empregando 1,7 milhão de trabalhadores. A UE é o segundo maior exportador mundial de têxteis e vestuário com 22% e 25% das vendas mundiais, respetivamente, em 2016.

Os produtos têxteis e de moda fabricados na UE são excepcionais em relação ao respeito do ambiente, da segurança do consumidor e dos direitos trabalhistas. O Euratex tem um programa ambicioso para aumentar o crescimento sustentável da indústria europeia do têxtil e do vestuário.